

Texto escrito colaborativamente Júlia Martins da equipa #PNL2027 e Joana Rita da #Filocriatividade sobre o papel da filosofia na Recomendação n. °2, de julho de 2021, sobre *A voz das crianças e dos jovens na educação escolar*.

[Joana] O documento é muito assertivo na defesa da voz das crianças e dos jovens. Podemos ler: “Efetivamente, exige-se um novo papel à escola atual: mais do que a transmissão de saberes, que hoje estão à distância de um clique, espera-se que possa promover a partilha, a problematização e a estruturação dos conhecimentos.” Afirmações destas fazem-me pensar no papel do professor e até no desaparecimento desta figura. O que seria da escola se em vez de professores tivéssemos figuras como tutores ou até curadores?

[Júlia] Seria uma escola diferente. De certeza! Gosto da ideia de uma escola com curadores. A curadoria não é uma tarefa fácil, pelo contrário, exige dedicação, carinho e muita paixão. O curador cuida da aprendizagem, isto é: suscita experiências, cria cenários de aprendizagem, proporciona a problematização, a argumentação e a conceptualização. Induz “*a participação dialógica*”, a partilha e uma comunicação efectiva, mas também cuida da escuta e dos afetos. Sabemos que estas não são práticas habituais na vida da escola.

No documento, em análise, lê-se: “[...] *parece existir uma dificuldade de os/as professores/as repartirem com as crianças e os jovens o seu poder de decisão no trabalho de gestão e de desenvolvimento do currículo* [...]” “a questão que se coloca é: como superamos esta dificuldade? Pela implementação de novas metodologias? Poderá a filosofia dar algum contributo?

[Joana] Sim, a filosofia pode ter um contributo para superar essa dificuldade referida no documento. Muito do trabalho que desenvolvo com escolas na área da filosofia para crianças e jovens apresenta esse foco. Porquê? A razão é que a filosofia para crianças e jovens e a estrutura do diálogo filosófico implicam uma responsabilidade partilhada em torno do que se passa em sala de aula, entre professor e estudantes, entre o adulto na sala e as crianças e jovens. Porém, não chega pegar numa metodologia e aplicar os passos. É preciso disponibilidade e uma outra atitude por parte dos professores. Para quê? Para encarar o momento de fala das crianças e dos

jovens com seriedade. Parece-me que isso é algo que precisa de tempo para entrar na forma de ser e de estar dos professores em sala de aula. Quando me interrogo sobre estas questões, dou por mim a pensar: o que aprendem os professores sobre a forma como devem ensinar? O que é que lhes é passado na teoria e o que encontram na prática? Que obstáculos e dificuldades encontram nas escolas para praticar essa escuta? Lembro-me de uma escola da zona periférica de Lisboa onde a escuta era impossível, não por falta de vontade das pessoas que estavam na sala, mas pelo seguinte: no verão, queríamos abrir as janelas para refrescar a sala, porém entrava o fresco e o barulho da rua, das turmas que estavam a ter educação física.

[Júlia] Muito interessante a tua resposta. Colocas questões muito pertinentes, nomeadamente quando afirmas: “*É preciso uma disponibilidade e uma outra atitude por parte dos professores*” e quando clarificas o “*para quê*”. No entanto, perguntaria como criar, induzir, nos professores, essa atitude? Outras questões me surgem... Estarão os professores preparados para a escuta? E os alunos? Será necessário (re)aprendermos a escutar?

Concordo plenamente contigo quando afirmas que a Filosofia pode ter um papel importante nesta ideia de Dar Voz aos Jovens. Na recomendação n.º 2/ 2021 é dito “[...] *crescer é pensar com os outros, por isso, o espaço escolar deveria ser o contexto privilegiado para a construção da identidade reflexiva e cidadã, através do uso da palavra para interagir, problematizar, argumentar, conceptualizar e, dessa forma, ir elaborando o pensamento e construindo conhecimento*” o que confirma o papel da relevância da disciplina de Filosofia nas nossas escolas. Contudo, o tempo é fundamental.

Tempo para pesquisar, descobrir e estudar.

Tempo para ler.

Tempo para pensar.

Tempo para escutar.

Tempo para argumentar.

Para ***Dar Voz aos Jovens*** teremos de mudar não só a atitude dos professores, o modo como se ensinar, mas também alterar a gestão dos tempos escolares e respeitar os ritmos dos alunos.

Estaremos nós, educadores, famílias e alunos, preparados para tão grande mudança?

[Joana] Julgo que este “Dar Voz aos Jovens” é radical face ao contexto da grande maioria dos espaços que (re)conhecemos como escolas, como sala de aula. É radical para ambas as partes: para quem dá a voz e para quem a escuta. Há uma experiência que trago das minhas oficinas de filosofia que ilustra o que digo. É muito frequente as crianças e os jovens avaliarem as oficinas de filosofia com um “aqui posso dizer o que penso”, como se fosse algo completamente novo para eles.

O espaço do diálogo filosófico permite que arrisques perguntas e respostas, que erres, que sejas ajudado pelos outros, permite avanços e recuos na investigação. Para estas crianças que avaliam as oficinas de filosofia daquela forma, ter um espaço e tempo onde podem dizer o que pensam é completamente novo.

É uma mudança para ambos e como dizia o professor Sérgio Niza no webinar organizado pelo CNE (12.10.2021 - link YT) a mudança de cultura é bastante lenta. A boa notícia é que essa mudança já está em curso. Recordo-me das palavras da minha professora de mestrado Gabriela Castro quando se referia à filosofia para crianças como uma revolução silenciosa.

Respondendo à tua pergunta: não estamos preparados e não podemos esperar que essa preparação aconteça. O comboio está em movimento. A pergunta é: o que posso eu fazer? Eu, filósofa que não tem escola e visita várias escolas pelo país. Ele, pai de uma criança de 4 anos que frequenta o jardim de infância. Ela, a professora de matemática do ensino secundário. O que é que cada um de nós pode fazer com as ferramentas de que dispõe? Como aplicar as recomendações? Que tal pensarmos na nossa experiência nas escolas e partilhar exemplos com quem nos lê?

[Júlia] “**A pergunta é: o que posso eu fazer?**” - Que boa pergunta! As perguntas são muito importantes, ajudam-nos a pensar melhor, a priorizar e a estruturar o pensamento.

O que eu posso fazer?!

Posso entrar na sala de aula e alterar a configuração da sala de modo a facilitar o diálogo.

Posso diferenciar as estratégias e metodologias para que todos aprendam.

Posso questionar mais e afirmar menos.

Posso colocar dilemas aos alunos, proporcionando o debate e ... aguardar a(s) resposta(s).

Posso induzir a problematização.

Posso pedir argumentos.

Posso explorar a biblioteca escolar com os alunos.

Posso dar a ler... um conjunto de livros sobre os conteúdos lecionados.

Posso ler, em conjunto, e partilhar ideias.

Posso mostrar que há um número infundável de livros maravilhosos...

Posso demonstrar que respeito e sei escutar.

Posso manifestar atitudes colaborativas.

E tu? O que podes fazer?

“**Como aplicar as recomendações?**” Outra pergunta curiosa. A aplicação das recomendações começa com a atitude. O querer fazer e fazer diferente, correndo o risco de errar. Aqui começa a mudança: na forma como se entende o erro. Errar faz parte do processo, da aprendizagem. Recordo a expressão o *caminho faz-se caminhando... eu sei que estou a dar os primeiros passos.*

[Joana] Vou pegar na tua observação: “começa com a atitude”. Considero fundamental ter uma atitude exploratória que permita abandonar ou rever o que já fazemos tantas vezes por hábito em casa ou na sala de aula. Se assim não for, vamos cair nos “velhos hábitos” e fazer o que sempre fazemos.

Diria que quando estamos a mudar essa atitude é importante não ter pressa para ver resultados. Fazer uma mudança de cada vez, para nos apropriarmos da nova configuração da sala (por exemplo) ou da nova estratégia de perguntas. Outro elemento que pode ajudar é ter uma espécie de diário para registar e documentar o processo de mudança; este é um procedimento que nos ajuda a pensar sobre a maneira como fizemos as coisas e a ponderar arestas para limar ou coisas que queremos manter.

O artigo já vai longo, Júlia. Que tal terminarmos partilhando um exemplo nosso de prática de escuta? Eu começo. Há uns anos numa sala de 3.º ano do 1.º ciclo tinha uma criança que parecia estar sempre ausente e desinteressada. Perguntei-lhe se não gostava dos trabalhos da filosofia. A resposta foi: “isto é um bocado chato. Olha, tens telemóvel? Mostras-me o whatsapp?” A criança tinha curiosidade com o whatsapp e a forma de comunicar: um balão para dizer coisas, outro balão para responder a perguntar. Foi assim que me surgiu a ideia de fazermos diálogos da filosofia no whatsapp: imprimir umas folhas com a “imagem” do whatsapp e com balões de diálogo por preencher. Na semana seguinte fiz a proposta ao grupo para trabalharmos assim agradecendo a ideia àquela criança que passou a interessar-se mais pelo diálogo.

E tu, Júlia? Podes contar um exemplo para fecharmos o artigo?

[Júlia] Gosto de estabelecer ligações entre a filosofia e a literatura. Ambas as disciplinas disponibilizam muita “matéria-prima” para perguntar, encontrar respostas, pensar, descobrir, refletir... Mas também para dialogar e argumentar. Enquanto docente gosto de fazer-me acompanhar de livros. Gosto de levá-los para a sala de aula. No saco, levo livros de literatura, ensaio, biografias ou livros de ciência. Diferentes temas e géneros. Grandes, pequenos, ilustrados ou não. O que importa é que sejam muitos. Para todos os gostos e interesses. Tenho a certeza de que haverá sempre um livro que desperta a curiosidade dos alunos.

Durante muitos anos fiz *rodas de leitura* - onde os alunos eram convidados a apresentarem um livro aos colegas dizendo porque gostou ou não de ler o livro que o acompanhava. Apenas havia uma regra: levar um livro.

A receptividade nem sempre foi a melhor, receavam as perguntas de avaliação e a obrigatoriedade da leitura. Nada disso!!- afirmei. Vamos falar de livros. Dos livros que gostamos ou não. Vamos partilhar ideias e opiniões. Vamos *dar a ler!*

Não foi fácil! Insisti sem pressas nem imposições.

Passadas algumas sessões consegui saborear a vitória de fazer alguns leitores e ... ainda hoje, guardo na memória os sorrisos, ainda que tímidos, pela descoberta de ter um livro para ler. Recordo o dia que um aluno me confessou que tinha ficado a pensar na roda de leitura, principalmente no livro *Cartas de Amor*, de Fernando Pessoa (levado por uma colega) ... confessou-me que gostaria de lê-lo para se inspirar e escrever cartas de amor mais bonitas à sua namorada.

Hoje, sei que dei voz aos alunos. Na *roda de leitura* os alunos podiam expressar as suas ideias, preferências e gostos, mas também aprendiam a argumentar, dando razões para se ler ou não determinado livro.

Dar a ler - lema do Plano Nacional de Leitura - é também "Dar Voz aos Jovens"! É dar voz à liberdade e à descoberta.